

## A PRESERVAÇÃO DAS FACES EM ENTREVISTAS RADIOFÔNICAS

*Filipe Mantovani Ferreira\**

Apesar do desenvolvimento e expansão de novos e promissores meios de comunicação de massa, o rádio ainda possui grande importância no processo de distribuição de informações no mundo atual. É, indubitavelmente, um dos meios de comunicação de maior penetração na sociedade.

Entretanto, apesar da sua popularidade e importância como integrador nacional, trata-se ainda de um âmbito do uso da linguagem pouco investigado pelos estudiosos e, portanto, ainda pouco conhecido do ponto de vista científico.

Com este trabalho, nosso propósito é investigar e analisar os expedientes discursivos utilizados por homens públicos em entrevistas radiofônicas visando à preservação de suas imagens públicas frente ao público ouvinte. Além disso, visamos, especificamente, a investigar as características do gênero entrevista, observar implicações do seu caráter público e analisar a configuração de expedientes discursivos como a polidez e as respostas enviesadas a partir do par adjacente pergunta-resposta (par P-R).

Para tanto, optamos por gravar as transmissões do programa *Jornal da CBN* (90,5 FM), em que atua Heródoto Barbeiro como mediador, e transcrevê-las conforme o que indicam as normas do Projeto NURC-SP. Selecionamos ainda, para dar suporte teórico à pesquisa, os seguintes estudiosos: Léon (2004), Goffman (1976), Brown e Levinson (1987), Andrade e Fávero (1998), Barros (2004), entre outros.

As entrevistas, como quaisquer textos orais, são produzidas mediante um processo interacional colaborativo que se insere em um determinado contexto conversacional e que depende em maior ou menor grau do envolvimento entre os interactantes. É, além disso, um texto que se submete a restrições impostas por uma realização concomitante à sua elaboração intelectual (Rodrigues, 2004).

Segundo Andrade e Fávero (1998:155), as entrevistas consistem, enquanto gênero jornalístico, em uma “técnica eficiente na obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário”. Além disso, há as entrevistas de caráter público, como as radiofônicas e televisivas, em que, segundo Barros (1991:254), “rompe-se o dialogismo estreito (eu, aqui, agora) e alarga-se a circulação do dizer na sociedade”. Em outras palavras, “a relação entre entrevistador e entrevistado, que é a única explicitada nessa comunicação ‘alargada’, dependerá (...) também das relações dos interlocutores com o público” (Barros, 2004: 46).

Deste modo, conforme apontam Andrade e Fávero (1998: 156), estabelecem-se três diálogos: um entre entrevistador e entrevistado, outro entre entrevistado e audiência e um terceiro entre entrevistador e audiência. Segundo as autoras, dentro desse contexto, estabelecer-

---

\* Graduando FFLCH/USP.

se-á uma lógica de “distribuição democrática da informação”, isto é, a informação possuída pelo entrevistado tornar-se-á pública mediante o questionamento feito pelo entrevistador.

É, aliás, devido à interação com a audiência que parece surgir a importância de uma pauta pré-elaborada. A seleção do conjunto de perguntas que comporão essa pauta está submetida ao interesse que os espectadores possam ter em relação às informações que poderão ser expostas pelo entrevistado.

Devido à existência de tal pauta, as entrevistas tendem a afastar-se dos textos orais produzidos em conversações espontâneas, não atingindo, desse modo, a interação em sua plenitude.

Segundo tipologia estabelecida por Medina (1986), as entrevistas podem ser divididas em dois grupos de subgêneros:

2. subgêneros de espetacularização: perfil do pitoresco, do inusitado, da condenação, da ironia intelectualizada;

3. subgêneros de entrevista conceitual: enquete, investigativa, confrontação/polemização, perfil humanizado.

É neste segundo grupo que se encaixam as entrevistas de caráter institucional, em que o entrevistador representa não a si mesmo, mas a uma companhia do ramo de comunicação, e o entrevistado, a um órgão ou instituição. Esse tipo de entrevista é em que consiste o *corpus* do presente trabalho.

Para que as entrevistas atinjam satisfatoriamente os seus objetivos conversacionais, é de suma importância que o entrevistador atue como verdadeiro mediador. Sua conduta deve estar submetida a diversos fatores extralingüísticos, como a posição social do entrevistado, a sua idade, sexo, cargo que ocupa, enfim, do jogo de simulacros que se estabelece entre os interactantes. Estabelecendo uma adequação em relação a estes fatores, os interactantes estarão se valendo de uma importante estratégia de interação: a polidez.

Mais do que o cumprimento de diversas normas socioculturais, a polidez constitui um modo pelo qual os interactantes procurarão cumprir um contrato tácito de não agressão à face de seu interlocutor, já que o processo interacional em si já implica um risco a esta (Barros, 2004). A concepção de *face* aqui utilizada é a concebida por Goffman (1975:29), que a entende como “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

Vários mecanismos e estratégias podem ser utilizados para a preservação das faces, dentre as quais destacamos o uso de atenuadores (*por favor*, por exemplo) e as formas de tratamento como *senhor/senhora*, que são expedientes que se relacionam à *formulação* de Ps e Rs.

O estudo das Ps e das Rs tem se mostrado significativo quanto à organização das entrevistas, bem como quanto à questão das faces e da polidez. Nesse sentido, interessam os trabalhos de León (2004: 1890), para quem as perguntas fechadas (*yes-no questions*) não são neutras. Na verdade, esse tipo de P traz subjacente a si uma orientação a respeito da resposta preferida pelo entrevistador.

Em relação às entrevistas, é relevante ressaltar que há casos em que o entrevistado não pode responder diretamente à pergunta contida no turno imediatamente anterior, visto que qualquer resposta, sim ou não, implicaria o comprometimento de sua imagem pública. Deste

modo, a preferência pela concordância é desprezada e caberá ao entrevistado tentar formular uma resposta em que não haja afirmação ou negação explícita, possibilitando deste modo a preservação de sua face.

Trata-se de um expediente largamente utilizado entre os homens públicos (cf. Léon 2004), visto que estes não querem comprometer sua imagem sob quaisquer circunstâncias, já que isto pode trazer sérias conseqüências para as suas carreiras políticas.

## **Bibliografia**

AQUINO, Z. G. O. Reflexões sobre a argumentação no discurso político. In: SILVA, L. A. *A língua que falamos: português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo.

ANDRADE, M. L. C. V. O. Estratégias pragmático-discursivas e controle situacional em entrevistas. São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE, M. L. C. V. O.; FÁVERO, L. L. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, D. (org.) *Estudos de língua falada: variação e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 153-177.

BARROS, D. L. P. Entrevista: texto e conversação. *Anais do XXXIX Seminários do GEL*. Franca: UNIFRAN, 1991. p.254-261.

BARROS, D. L. P. A comunicação humana. In: FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à Lingüística I*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 25-53.

BROWN, P. e LEVINSON, S. *Politeness: some universal in language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GALEMBECK, P. T. Preservação da face e manifestação de opiniões: um jogo duplo. In: PRETI, D. (org.) *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanistas, 135-150, 1997.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LÉON, J. Preference and “bias” in the format of French news interviews: the semantic analysis of question-answer pairs in conversation. *Journal of Pragmatic* n.36, 2004. p. 1885-1919.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, C. A. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: Dino Preti. *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas – projeto NURC/SP, 2003. p.15-37.